



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

Uma remodelação mil vezes anunciada (e outras tantas atrasada)

«Vasco Cordeiro tornou-se um líder de transição. Em toda a história da democracia portuguesa, só um chefe de governo governou, desceu à oposição e voltou a governar: Mário Soares. E Vasco Cordeiro não é Mário Soares»

1. OS AÇORES. Posto perante a remodelação do Governo Regional, reprimo qualquer tentação de julgamento sobre cada entrada e saída em particular. Agora, o Chega parece sair por cima desta história. E, em política, o que parece é.

Eis, pois, mais uma prova cabal da profunda inabilidade deste Executivo a dois níveis tangentes: a coordenação política, de cujo falhanço a deficiente relação com o Parlamento é apenas a face mais visível; e a comunicação, tão evidentemente vulnerável que até José Pacheco se consegue aproveitar dela.

Porque demorou tanto tempo, esta remodelação? Uma remodelação mil vezes anunciada (e outras tantas atrasada): porquê deixá-la precisamente para logo depois da intervenção do parceiro que mais problemas tem causado ao Governo? É de uma imperícia extraordinária, mesmo que o supremo prejudicado seja o próprio Executivo.

E, sim, faz lembrar Passos Coelho, que passou toda uma legislatura a tomar medidas impopulares, as comunicou tão mal que as tornou mais impopulares ainda e, no fim, ganhou as eleições na mesma. Talvez seja essa a estratégia de Bolieiro. Mas vale a pena lembrá-lo de que Passos Coelho pode ter ganhado as eleições, mas não conseguiu formar governo.

2. O PAÍS. Quando vários países criaram comissões para investigar os abusos sexuais na Igreja Católica, juntei-me aos reclamavam a criação de uma em Portugal também. Nos outros países, havia centenas de milhar de casos de violação de menores. Era importante aquilatar da saúde da Igreja em Portugal, país que – insisto – só é laico no nome.

Foi a própria Conferência Episcopal a criar essa comissão, aliás munindo-a dos melhores membros de que alguém se poderia lembrar. E por isso eu aplaudi, como outros, a Conferência Episcopal.

Pois, agora, dois os membros dessa comissão, Pedro Strecht (o presidente) e Ana Nunes de Almeida, reconhecem haver indícios de que: a) houve abusos sexuais na Igreja Católica portuguesa; alguns dos padres que já têm processos no Ministério Público continuam em funções; e alguns destes foram encobertos, presentemente e até no passado, por antigos bispos e, inclusive, bispos ainda em funções.

Pode ser gravíssimo. Ninguém é culpado apenas por haver indícios de que praticou alguma coisa. Um simples testemunho é um indício, pelo que é preciso que se faça prova, que o tribunal condene e que a sentença transite em julgado. Mas eu diria que a hierarquia da Igreja arrisca muitíssimo ao manter em funções padres suspeitos

E arrisca mais ainda ao mantê-los em funções onde contactem com crianças. Se estivermos a falar de uma bomba, vai explodir na carada própria Conferência Episcopal. Seja como for, devemos ficar atentos ao assunto: vai falar-se dele nos próximos meses.

3. O MUNDO. Nas entrelinhas da guerra na Ucrânia, cai em definitivo a máscara a Boris Johnson. O governo britânico de acaba de firmar um acordo com o Ruanda para recambiar para a região dos Grandes Lagos refugiados africanos, do Médio Oriente e até ucranianos.

Isto é: vai pagar anualmente a Kigali 144 milhões de euros para o desenvolvimento de infra-estruturas e a subsidiação da sobrevivência de refugiados que aportem ao Reino Unido. A estes, oferecerá uma decisão auspiciosa: é evidente que não têm de ser deportados para os seus países – podem ir para o Ruanda e até serão ajudados.

Isto é, para o país onde Paul Kagame, o governo de Paul Kagame e o partido de Paul Kagame mandam matar adversários políticos e ameaçam mandar matar jornalistas e académicos, entre outros tiques totalitaristas. E para uma região, já agora, onde vão encontrar uma convulsão étnica que em nada ficará a dever às que deixaram para trás.

Boris Johnson diz que a Ucrânia está a lutar pelos mesmos valores que o Reino Unido defende. Mas, afinal, os valores não servem de grande coisa. A solidariedade atravessa o Canal da Mancha e volta para trás. Espera-a, na melhor das hipóteses, um depósito de seres humanos na região que serviu de palco ao mais chocante genocídio dos últimos 50 anos.

4. OS AÇORES. A candidatura única de Vasco Cordeiro à presidência do PS/Açores explica porque é que este não aproveitou novo solavanco na Coligação para apresentar ao Parlamento uma moção de censura que o Chega teria sido obrigado a aprovar: o PS não está preparado para governar, o período de transição vai prolongar-se e, portanto, Vasco Cordeiro reduziu-se ao papel de líder de transição.

Não há outra explicação. Porque, em toda a história da democracia portuguesa – isto é, incluindo eleições no país todo, na Madeira e nos Açores –, só um chefe de governo governou, desceu à oposição e voltou a governar: Mário Soares, que foi primeiro-ministro entre 1976 e 1979 e depois de novo entre 1983 e 1985. Acontece que o PREC e o pós-PREC já vão longe. Entretanto, vivemos ciclos longos em Lisboa e ciclos longuíssimos nas ilhas. E, além disso, (o que talvez seja uma surpresa para os mais apaixonados) Vasco Cordeiro não é Mário Soares.

Se a candidatura à presidência do Governo Regional em 2024 já tem destino, não sei. Talvez o estágio de Francisco César em Lisboa queira realmente dizer que aquilo que nos parecia brincadeira é, afinal, verdade: que há uma dinastia cesarista nos Açores. Para já, o jovem César foi eleito vice-presidente da bancada parlamentar do PS, o que significa que o próprio António Costa já abençoou quaisquer que sejam as suas intenções.

5. O MUNDO. Escrevi aqui estar confiante de que Macron revalidaria a presidência francesa, mas só entretanto se soube da sondagem segundo a qual um terço dos eleitores de Mélenchon votam LePen. É um dado perigoso, desde logo porque esses votam mesmo, enquanto nos outros dois terços está prometido um alto grau de abstenção.

De resto, não estou seguro de que o relatório da União Europeia que acusa LePen de apropriação indevida de fundos públicos vai de facto prejudicar a candidata da extrema-direita, se é que não vai mesmo beneficiá-la. O momento da denúncia pareceu um gesto em favor do menino querido de Bruxelas. Se parece, repito, é – e a vitimização de LePen pode encontrar ressonância em certo eleitorado.

Já estive mais tranquilo quanto à impossibilidade de a França efectivamente regressar ao pré-Iluminismo. Estão há décadas (até há séculos) a surpreender-nos, os franceses – nunca se sabe o que pode acontecer a seguir.

*Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)